

INVARIANTES METAFÍSICOS: CONSIDERAÇÕES SOBRE O SER

RICARDO SÁ EARP¹

EARP, R.S. Invariantes metafísicos: considerações sobre o ser. *Semina: Ci. Soc./Hum., Londrina*, v.13, n. 3, p. 186-194, set. 1992.

RESUMO: Neste estudo nós desenvolvemos alguns invariantes metafísicos que giram em torno da questão central do Ser, explorando certos aspectos comuns na fronteira da Filosofia, da Psicologia e da Matemática.

PALAVRAS-CHAVE: Logos; Gnose; Topologia; Percepção; Verdade

INTRODUÇÃO

Nestas notas focalizamos certos invariantes metafísicos que se movem em torno da questão central do Ser, desenvolvendo através de enunciados e corolários paralelos com a filosofia oriental, com a filosofia dos evangelhos, com a psicologia profunda e com a matemática. Distribuímos a apresentação em 5 seções:

1. O Agora-atemporal
2. A Percepção hiperdimensional
3. A Coragem do Eu sou
4. A Ética
5. A Convergência central

A tese básica sobre a qual está erguida o *constructo* de idéias que se seguem, consiste na afirmação de um certo modo de ser, que corrobora num certo modo de conhecer e de agir; sintetizado, sumariamente, da seguinte forma: Pressupomos como *axioma* (em grego, quer dizer valor real intrínseco), um modo de ser *trans-espacial* e *trans-temporal*. Nestas notas será chamado indiscriminadamente de várias denominações, tais como: Logos (terminologia dos neo-platônicos e de João Evangelista) ou Logosfera (terminologia herdada de Teilhard de Chardin e de Huberto Rohden), Eterno (terminologia dos profetas de Israel), Tao (terminologia do filósofo chinês Lao-Tsé, herdada pelo Zen), Pleroma (terminologia de Paulo de Tarso), Essência, Ser, Realidade. Além disto, afirmamos que este modo de ser-atemporal implica num modo de conhecer que afirma e *maximiza* a auto-consciência, e ao mesmo tempo, ultrapassa e *minimiza* os processos físicos mentais ordinários. Consequentemente, estabelecemos a existência em si mesmo, de um estado real de consciência *equivalente à real metanóia*. Assim, podemos dizer o seguinte: *A vivência no eterno agora implica*

num estado ultra-mental de não perturbabilidade pelas ondas do pensamento. Nas próximas páginas examinaremos com razoável riqueza de detalhes certos atributos e propriedades deste estado que permeia e dinamiza os citados invariantes, e que à primeira vista pode parecer irracional, já que é a-razional, no sentido da inteligência analítica; sendo, contudo, racional no sentido etimológico original de Razão-Logos. Não obstante, queremos enfatizar, para fins de precisão e clareza filosófica, que nossa posição metafísica não leva à falácia do pantelismo, mas afirma o chamado pan-en-theos, tão bem colocado pelo filósofo ROHDEN (1987), e tão bem explicado por DE CHARDIN, ao defender-se de seus detratores (1955, p. 344): "A afirmação da imanência do Logos no ser individual e finito não implica logicamente na negação de sua Infinita Transcendência e de sua Infinita Existência".

Finalizando esta sucinta introdução, expressamos as seguintes manifestações de reconhecimento: Ao Departamento de Matemática da PUC-Rio na pessoa de seu diretor, Professor Carlos Frederico B. Palmeira, pelo apoio concedido durante a redação final do texto; em particular, ao Professor George Svetlichny pela cobertura técnica no tocante à datilografia eletrônica da última versão, à secretária Mary Jane Saldanha pela proficiente datilografia final e ao Professor Nelson Martins Garcia, pela atenta leitura da versão preliminar e oportunas observações afins. Especialmente, ênfase a indireta contribuição de Rozane Tardin, durante todo o ciclo no qual este trabalho foi forjado, pelos estimulantes e formidáveis desafios interpessoais.

1 – O AGORA-ATEMPORAL

Chamamos de *agora-atemporal*, o invariante ontoló-

1 - O autor, iniciou esta pesquisa em janeiro de 1989 quando realizava estudos de pós-doutorado na Universidade de Paris VII - França como bolsista do CNPq - Brasil.

gico que é independente de qualquer conceituação do binário espaço-tempo, e permanece constante por qualquer interação neste domínio. Afirmamos que este invariante eduz um valor intrínseco que contribui no nível vertical da Essência mantendo-se invariante pelas modificações dentro dos planos existenciais. O seguinte exemplo extraído da geometria (SPIVAK, 1979), ilustra bem a metafísica que estamos começando a esboçar:

Exemplo 1: Seja M um cilindro vertical de raio unitário e de eixo z , no espaço euclidiano R^3 . Seja p o ponto de M pertencente ao plano xy , de coordenadas $x = 1, y = 0, (z = 0)$. Seja v um vetor tangente unitário à M em P (Figura 1). Seja C a geodésica² única que passa por P , com velocidade inicial v . Seja d a inclinação de v em relação ao eixo dos y , positivamente orientado.

Concluiu-se, facilmente, via a teoria clássica das superfícies diferenciáveis de R^3 , o seguinte:

Se a inclinação d é não nula então a trajetória da geodésica C (que passa por P , com velocidade inicial v) é uma hélice (Figura 1). Além disto, a projeção ortogonal da curva sobre o plano xy é um círculo (na verdade, é exatamente o círculo $x^2 + y^2 = 1, z = 0$); enquanto que a projeção de C sobre o plano xz é uma curva senoidal. (Figuras 2A e 2B).

FIGURA 1

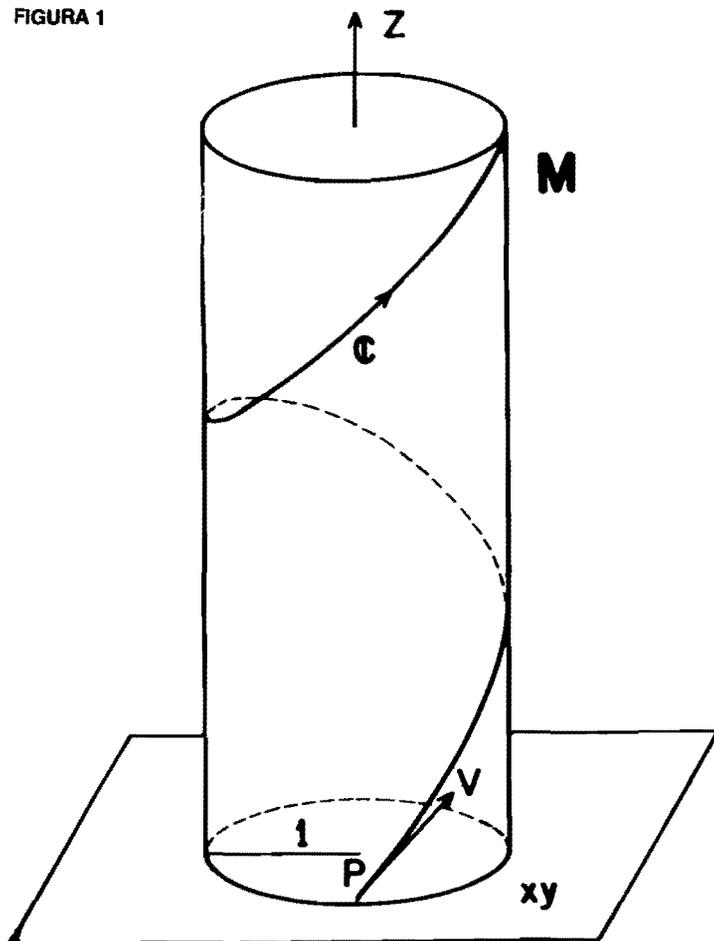
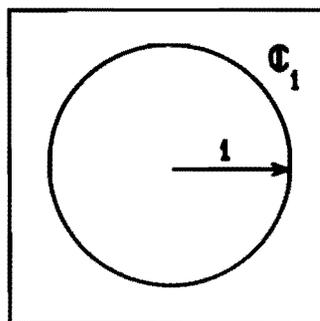
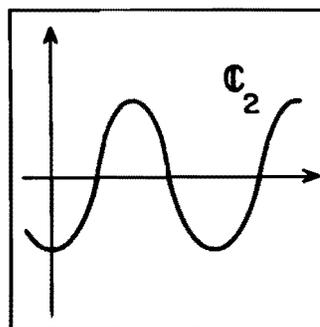


FIGURA 2A



(C_1 = projeção ortogonal de C no plano xy)

FIGURA 2B



(C_2 = projeção ortogonal de C no plano xz)

Generalizando esta idéia, ao nível ontológico, afirmamos: O Ser-Logos projeta-se na noosfera³. A projeção do Logos no plano da noosfera hominal é chamada mente; enquanto que a projeção do Logos no plano da hylosfera³ é chamada corpo. Contudo, o Todo-Logos não é definido pelo conjunto de suas "projeções" em diferentes planos; que sugerem tão somente algumas de suas "seções" e propriedades: O Logos está para além da região temporal da noosfera. Detalhamos na "seção hominal" o precedente enunciado da seguinte maneira: O cérebro é a projeção física da mente mas não é igual a esta. O Anthropos (homem integral) não está identificado nem à sua corporeidade física nem à sua mentalidade: ou seja, o homem tem o seu corpo e tem a sua mente; porém a consciência *Eu sou* não está restrita à variedade quadridimensional espaço-tempo, embora se projete nesta.

Na verdade, estamos revitalizando acima uma ancestral idéia-arquetípica que faz lembrar o mito da caverna de Platão... (compare com o arquétipo do "Self" de JUNG (1983). Confira também em BURGI-KRIAZI (1975);

2 - "geodésicas" são curvas sobre uma superfície M , que "minimizam" a distância (intrínseca) entre dois pontos quaisquer de M .

3 - Terminologia de DE CHARDIN (1955).

DE CHARDIN (1955); DURCKHEIM (1988). Por outro lado, enfocando fenômeno análogo que acontece no sistema da matemática (isto é um teorema devido à Gödel), fazemos a seguinte afirmação: Nenhum sistema é completo (suficiente) em si mesmo (inclusive este). Além disto, mesmo se adicionarmos ao sistema um número finito de princípios, definições, conceitos ou propriedades básicas, restarão sempre um número infinito de propriedades e de proposições, que não serão jamais atingidas (demonstradas), (mesmo) dentro do sistema ampliado. Logo, a realidade não está aprisionada a nenhum sistema, e não está limitada a nenhum modelo empírico-intelectual: *A Realidade é ultra-física e ultra-mental.*

A tese que começamos a desenvolver nos parágrafos precedentes, projeta luz sobre um dos mais controvertidos binários da filosofia:

auto-determinação (livre-arbitrio) x determinismo (destino).

Com efeito, afirmamos que deduz-se dos enunciados precedentes (e tentaremos convencer o leitor disto até o final da exposição), o seguinte: *A maximização (zênite) da auto-determinação, corresponde à minimização (nadir) do determinismo; ou seja, o determinismo externo prevalece na ausência de um livre-arbitrio não-educado* (cf. seção 5). No homem, a auto-determinação conduz à dinâmica interna creadora. Mesmo nos últimos componentes da matéria, as chamadas partículas elementares, existe um certo grau de auto-determinação na forma de um indeterminismo: Descobriu-se, por exemplo, que as trajetórias precisas dos elétrons escapam das observações dos mais sofisticados aparelhos da física; pode-se apenas prever pela física quântica, com maior ou menor grau de probabilidade – sem nenhuma certeza determinística – que o elétron num dado instante $t = t_0$, se encontra numa dada região do espaço (ORTHOLI & PHARABOD, 1985). Parafraseando o bem conhecido princípio da física quântica – descrito grosso modo nas linhas precedentes – afirmamos o seguinte (inserindo a noção vedanta do Karma; cf. adendum): *A trajetória kármica da partícula elementar hominal é indeterminada pelos dados, sejam positivos, sejam negativos, obtidos em algum instante $t = t_0$. Como o tempo nunca é negativo, conclui-se que o evento que acontecerá no instante $t < 0$, não é uma resultante de ações passadas; já que nunca é determinado, embora possa ser condicionado, pelo que se passa no momento presente. Em particular, deduz-se a nulidade determinística de qualquer apego ou dependência do passado, tanto àqueles chamados bons, quanto àqueles chamados ruins. O seguinte axioma hermético resume bem o que acabamos de dizer (SADHU, 1971): "Astra inclinant sed non necessitant".*

ADENDUM

Este polêmico problema do Karma exige ser melhor esmiuçado, já que é motivo de muito dogmatismo e falácia mistificadora provenientes de um pseudo-espiritualismo da época: sofre influências da doutrina Sâmkhya

(AUROBINDO, 1984) de origem hindu (que nada tem a ver com a profunda filosofia yogue), mesclada de negativismos medievais pseudo-religiosos, formando um amalgamado complexo de insipiência, punição e medo; que, certamente, efluem das regiões arcaicas do inconsciente i.e, eclodem do complexo da "Sombra", diria JUNG (1983), ou equivalente, surgem da Nephesh, diriam os antigos ocultistas herméticos (SADHU, 1971). Karma, é como o próprio nome indica, Ação. Segundo a filosofia yogue, no arquétipo do Karma não há nenhum fator inercial. O Karma pode ser comparado ao "Actus Purus" de Aristóteles, ou seja, a pura atividade que gera evolução. Neste sentido, de *ação creadora*, podem ser entendidas as palavras de Cristo: "Meu Pai age até agora – e também eu ajo". Assim sendo, o Karma é equivalente àção creadora no agora, que detona o "processo de individualização (JUNG, 1983), e conduz à auto-realização. Qualquer tentativa de desvirtuar o conteúdo profundo, de valor intrínseco e dinâmico, deste maravilhoso arquétipo (Karma), por uma inoperante e contraproducente "fuga" ao passado ou ao futuro; gera inércia, falso iluminismo e ilusão: exemplos correntes são as expressões: "pagar Karma", "bom Karma", "mau Karma", vou fazer isto ou aquilo para angariar bom Karma no futuro", etc... (os chamados *fator inercial e pura atividade*, podem ser equiparados aos arquétipos (gunas), *tamas e sattva*, da filosofia vedanta-yogue, respectivamente). Claro que o Karma funciona via dois aspectos bipolares e complementares (assim como os grandes arquétipos do universo), que exprimem as duas componentes do Agir, mas que, não contém o germe da passividade inercial: Corresponde (esta bipolaridade) à pura ação e à pura reação, no agora: Na vivência diária se aplica no assumir as consequências da ação – no agora – pelo Agir no sentido evolutivo – dinâmico de reparação ou complementação; verticalizando a consciência-ego pela compreensão do sofrimento-reação, assumido, aceito e superado. Neste sentido, confluem as palavras de Jesus na questão do "Cego de Nasceça": Jesus fez ver aos seus discípulos que a cegueira não era "Karma" herdado pelas ações passadas; mas, oportunidade de evolução e plena individualização – chamados "manifestações da obra de Deus" (ROHDEN, 1935; Jo 9, 3-5)(como é ridículo e pueril atribuir a qualquer evento uma causa precisa e exata, em um passado longínquo, ou determinar uma consequência algures; se nem mesmo sabemos prever com acribia e precisão o que se passará amanhã, e nem mesmo sabemos precisar onde estão "as partículas" que compõem o nosso nariz!). A obra prima da filosofia – que questiona o Karma – é o livro de Job, do Antigo Testamento: Job tinha perdido tudo; bens, filhos, saúde, quando três de seus amigos tentaram lhe convencer que padecia as consequências das ações e dos "pecados" passados. Após longos diálogos, nos quais Job tentou se defender e afirmar sua retidão e probidade; Deus, finalmente aparece, fazendo ver aos três amigos que estes estavam errados, e que nada tinham compreendido de seus mistérios... (Quão grandes ensinamentos e quão atuais questionamentos se pode

extrair de uma meditação profunda do acervo de sabedoria que sempre esteve às mãos do ocidente cristão!). Finalmente, afirmamos que na Ação-Karma, não há separatividade ser-agir no tempo; mas prevalece a integração-elo do ternário ser + ação + reação.

Em seguida, exploraremos certos pontos críticos da psiquê individual e coletiva, à luz dos princípios enunciados: Dos enunciados acima, infere-se facilmente a falsidade da postura binária de *ego-complascência* que é a negação tanto da afirmação do verdadeiro Eu (auto-afirmação), quanto do reconhecimento de si mesmo (humildade); e que possui duas componentes distintas, porém conectadas: a componente que chamaremos negativa-negativa (Yin, na terminologia do Tao-Te-King, (ROHDEN, 1987) é a atitude-frustração de pena de si mesmo, em suas diferentes formas, que produz os contraprodutivos complexo de mártir e complexo de algoz; que são, respectivamente, fixações obstinadas (em alto grau, chegam a ser obsessivas) da mente pelo que o ego pensa, consciente ou inconscientemente, que sofreu (falhou, errou), ou fez sofrer; em alguma experiência anterior. Enquanto que a componente positivo-negativa (Yang, na terminologia do Tao-Te-King) é a atitude-exacerbação de jactância de si mesmo, à qual mina os canais da criatividade e fomenta a discórdia nas relações humanas. Uma das variantes mais nefastas da ego-complascência é o *complexo de ser explorado*; que atinge, atualmente, à numerosos casais, grupos sociais, e atinge mesmo à nações inteiras. Evidentemente, que a exploração dos (indivíduos, grupos, nações) mais fracos pelos mais poderosos é inaceitável e ilícita: o ato de explorar implica sempre numa modalidade de violência, radicada no egoísmo, que embora possa ser aparente e localmente vantajosa; na verdade é globalmente prejudicial. Por outro lado, nenhum indivíduo, nenhum grupo ou sistema social, nenhuma nação são explorados, se não forem antes vulneráveis e exploráveis. De modo que o complexo de ser explorado equivale a um falso mecanismo de defesa que implica no fechamento do sistema: isto impede uma abertura interior, tanto à ulterior auto-determinação, assim como à ulterior visão da inter-dependência que conduzem à soberania interna e às melhores relações. Por conseguinte, o complexo de ser explorado é uma das piores (e sutis) mazelas que invadem a humanidade, já que impede o diálogo, e já que está estruturado em sutil ego-justificativa...

Para finalizar esta seção, faremos uma observação adicional no campo da psicologia do inconsciente e uma observação suplementar extraída da filosofia dos evangelhos, resumindo o que foi dito: No campo da psicologia do inconsciente, afirmamos que o estado de ser que denominamos *agora*, implica no reconhecimento de que os resíduos do passado mesmo que entranhados na mente inconsciente não afetam a presença atemporal do Eu real; ou seja não atingem a presença do *Eu sou* (MAHARSHI,

1984; MUSASHI, 1983). Na filosofia dos evangelhos, observamos que este reconhecimento está intimamente relacionado com a referida *metanóia*, que culmina na tomada de consciência crística exigida pelo Cristo-Logos (ROHDEN, 1935): O Verbo-Pleroma afirma sempre a supremacia e o valor da consciência da presença de Deus sobre todos os fatos efêmeros: Em face da luz do Logos, as "trevas" são automaticamente dissipadas... "Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens, e a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a extinguiram (ROHDEN, 1935, Jo1, 4-5). Em suma: não importa todas as efemeridades provenientes dos fatos das ações passadas, como exemplificam as seguintes passagens: a) A parábola do "fariseu e do publicano" (ROHDEN, 1935, Luc 18, 9-14); b) "a fé do centurião romano" (ROHDEN, 1935, Luc 7, 2-10); c) a posição de Jesus no tocante à "pecadora" (ROHDEN, 1935, Luc 7, 36-50), em contraste à sua posição perante os "justos", cumpridores da lei (ROHDEN, 1935, Luc 16, 14-18).

2 - A PERCEÇÃO HIPERDIMENSIONAL

Chamamos de percepção hiperdimensional, a intuição racional (do Logos) direta e sem interferência *daquilo que é*, para além do que pensa-se que seja; equivalentemente, corresponde ao modo de conhecer (referido na introdução) aplicado numa metanóia se transformando em *Gnose*.

Por conseguinte, reafirmamos a existência de um certo nível de percepção tal que: A percepção é direta e incondicionada, mantendo-se inalterável sobre todas as flutuações devidas às forças extrínsecas condicionantes. Claro que isto implica numa capacidade de concentração mental; ou seja, na capacidade de saber focalizar a atenção sem desviá-la de seu foco e de intuir o que é *real e estável*, para além do que não é real e concomitantemente não é estável. Donde se conclui que a percepção hiperdimensional pressupõe a penetração de olhar algum dado, em profundidade, e pressupõe a sabedoria de alicutar alguém, em seu âmago; não permitindo que os "ruídos" fabricados pelo ego, interfiram na receptividade de alguma informação ou na compreensão de algum indivíduo. Portanto, esta sapiência de *perceber sem interferência*, proporciona uma abertura de nossos mecanismos de intuição à uma visão global e à uma relação supraparcial. Isto, efetivamente, nos exime de muitos erros de falsas estimativas e de falsas proposições provenientes de "contaminações" na mensagem receptiva devida à "impureza" do ego-receptor. Certamente, isto corrobora na capacidade de sintonizar com o ritmo peculiar daquilo que se percebe, e na habilidade de se aproximar de algo ou de alguém; com a mente aberta, flexível e polivalente, captando as suas nuances e sutilezas – sem a priori, comparar, classificar ou julgar (DURCKHEIM, 1988; GOTTMANN, 1988). Na linguagem milenar de Lao-Tsé (herdada pela filosofia Zen), a percepção hiperdimensional pode ser comparada à sapiência do Wu-Wei (ROHDEN, 1987): O que equivale, ao saber intuir e atuar *sem interferência*,

equilibrando o binário Yin-Yang, que são inerentes a todo processo cognitivo ou interativo, e que apresentam numa visão inicial e parcial, polaridades opostas (ditas negativa, positiva; respectivamente); integrando-os na percepção unitiva e unificadora do Tao. No evangelho copta de Tomas, o Cristo transmitiu análogo arquétipo (LE LOUP, 1986, p. 22): "Quando você fizer de dois Um e que você fizer o interior como o exterior, e o exterior como interior, o alto como o baixo, quando você fizer do masculino e do feminino um Único, a fim de que o masculino não seja um macho e que o feminino não seja uma fêmea,...., então você entrará no Reino!"

O que está escrito acima, pode parecer para a inteligência analítica-não intuitiva, um completo contra-senso: contudo, a soberba ciência pela evidência de experiências no campo da física quântica, teve que superar arraigadas idéias de poder aceitar o "absurdum" do comportamento dual e unitivo das partículas elementares da natureza: Constata-se que as partículas elementares (por exemplo, o elétron) apresentam, simultaneamente, comportamento corpuscular e ondulatório... (ORTHOLI & PHARABOD, 1985).

Na matemática se encontra facilmente vários modelos que podem auxiliar a elucidar o mistério paradoxal da percepção hiperdimensional:

Na esfera unitária S^2 contida no espaço euclidiano R^3 , é fácil ver que dois grandes círculos C_1 e C_2 de raios iguais a 1, sempre se cruzam (não há suficiente "espaço"). Enquanto duas de tais curvas, consideradas imersas em R^3 , são "genericamente" disjuntas: ou seja; por uma pequena "perturbação isométrica" (translação), podemos sempre encontrar uma cópia \tilde{C}_2 de C_2 "perto" de C_2 com \tilde{C}_2 separada de C_1 (SPIVAK, 1979). Em R^3 há suficiente espaço... De maneira que a contradição de dois *insight* num determinado "plano", não implica numa contradição numa dimensão maior.

Na raiz do processo cognitivo que antecede o *insight* em uma dada pesquisa, está o binário.

ser cognoscente X entidade cognoscível

De fato, à tentativa de equilíbrio ou neutralização de qualquer binário se opõe invariavelmente uma certa tensão ou resistência na forma de desafio-problema. No caso do binário ser cognoscente X entidade cognoscível, que é a priori conflitivo, a neutralização cria o ternário unificador

ser cognoscente + conhecimento + entidade cognoscida;

que leva à Gnose, à qual implica na solução do problema.

Segundo o que foi enunciado, a Gnose pressupõe a *transmentalização* que ultrapasse as barreiras da noosfera formadas pelos pensamentos cognoscidos. Esta não intercepta; porém, pode ser tocada pelo *princípio creador* (EARP, 1992). Neste sentido, utilizando, novamente a terminologia de DE CHARDIN (1955), podemos parafrasear uma reflexão de ROHDEN (1987) sobre o pensa-

mento filosófico de Einstein, como segue: *Não há nenhum caminho estritamente contido no plano da noosfera que leva à Gnose. O princípio creador reside na Logosfera.*

De forma natural coloca-se a questão da *tocabilidade*, que é a condição dita necessária para a atuação do princípio creador. Podemos dizer que esta tocabilidade equivale à uma certa inclinação inicial; que desabrocha na percepção hiperdimensional. O exemplo 1, da seção anterior, ilustra bem este fenômeno: Quando a inclinação inicial da geodésica é nula sua trajetória jamais sai do plano xy; uma partícula ao percorrer esta trajetória, "gira indefinidamente em círculos". Por outro lado, se a inclinação inicial é positiva a trajetória é uma hélice evolutiva que "atinge níveis cada vez mais elevados"... (veja figura 1). Claro que isto também possui uma interpretação no nível social - já diziam os antigos alquimistas que para fabricar ouro era preciso possuir ouro...

Na percepção hiperdimensional, está subjacente o binário unidade na diversidade, que é um princípio invariante do universo: ao considerar um dado UNI-VERSO implica em atingir os valores centrais de seu UNO, penetrando em suas estruturas e extraindo seus invariantes intrínsecos; e, simultaneamente, se manifesta na realização das múltiplas relações de suas extrínsecas DIVERSIDADES (EARP, 1992). Especificamente, a percepção hiperdimensional fundamenta-se no binário análise-síntese transcendendo-o pela neutralização do princípio herméutico *solvo e coagula* (SADHU, 1971).

No universo da natureza, o princípio da unidade na diversidade, se revela maravilhosamente equilibrado pelo Creador, na forma de Cosmos (em grego, Belo). Diz-se que Platão considerava o "princípio da unidade na diversidade", como o princípio estético por excelência. No campo da matemática sabe-se que os teoremas mais profundos e que têm consequências mais amplas, são aqueles que unificam áreas diversas; tais como a geometria diferencial e a topologia algébrica. O famoso teorema de Gauss-Bonnet (demonstrado por Bonnet em 1848, mas *intuído* por Gauss, primeiramente) ilustra bem esta idéia. Em seguida apresentamos uma versão generalizada devida a HUBER (1966) (no que segue nos dirigimos ao iniciado matemático, com um curso de geometria diferencial a nível de mestrado):

Seja M uma superfície de Riemann completa de tipo de topologia finito (i.e, M é topologicamente equivalente à uma superfície compacta, com um número finito de pontos removidos) e de área total finita.

Suponhamos que a curvatura total $\int_M K dA$ existe
Então:

$$\int_M K dA = 2 \pi \chi(M)$$

onde K = curvatura de Gauss
 $\chi(M)$ = característica de Euler.

Como uma aplicação "heurística" da fórmula anterior segue que informações de caráter "geométrico" so-

bre a superfície M propiciam informações de caráter "topológico-algébrico" – e vice-versa – revelando a bela harmonia ("unidade na diversidade") matemática: Por exemplo, se a curvatura $K \geq 0$, então, nas hipóteses do teorema, a superfície M é "conformemente equivalente" a uma das seguintes superfícies: S^2 , T^2 , C , $C - \{0\}$.

3 - A CORAGEM DO EU SOU

Chamamos de *coragem do Eu sou*, à plena convicção interna que a *verdade é*, e que tudo o mais não passa de suposição ou Maya; equivalentemente, consiste na capacidade de afirmar o Ser, transformando o indizível sofrimento, o intolerável desânimo, o insuportável desespero e a cruel adversidade, em força-iniciativa e em movimento realização. Assim sendo, a coragem do Eu sou esta calcada no conhecimento da verdade que liberta tanto da incerteza quanto do medo: "Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará", dizia Jesus, o Cristo. Além disto, a coragem do Eu sou, se manifesta no poder de *não ter*, i.e, de fazer face ao anulamento (do ego) de cada dia, caminhando com todo o ser mobilizado pela meta à frente; sem se deter mesmo se por algum "míssel invisível" for atingido, e sem mesmo introjectar na mente inconsciente uma mínima frustração. A coragem do Eu sou é ainda eduzida pelo estado de ser denominado de *vairagya* pelo grande mestre da filosofia vedanta MAHARSHI (1984). *Vairagya* implica em renúncia e aceitação. *Vairagya* é um movimento de superação que engloba o binário morte e ressurreição. *Vairagya* é uma profunda e inabalável firmeza do Eu sou que leva sempre à ação-superação mesmo dentro de maior perturbação. *Vairagya* é agir sempre com coragem fazendo prevalecer a ação sobre a inação; nada fazendo ou deixando de fazer por causa do espectro do medo.

Na filosofia hermética, transmitida através dos símbolos e arcanos do Tarot (SADHU, 1971), a coragem do Eu sou pode ser representada no Arcano VIII pela seguinte equação cabalística:

$$8 = 1 + 7 \quad (1)$$

que significa a *vitória do espírito sobre a matéria*; i.e, a realização dada pelo algoritmo 1 do axioma

"*Spiritus dominat formam*"

dada pela equação

$$7 = 3 + 4$$

(o número 3 simboliza o *espírito à frente*, liderando e conduzindo o número 4 que simboliza a *forma* (cf: os 4 elementos, terra, fogo, ar e água)).

Além disto, a equação (1) simboliza também a se-

guinte fórmula hermética para sucesso e eficiência numa dada *operação*, neutralizando interferências emocionais perturbantes: "Contrabalancear a qualquer desejo ou interferência emocional, uma afirmação de não-desejo que seja de igual intensidade" (SADHU, 1971). Isto é *vairagya*.

Na atividade crística, a coragem do Eu sou manifesta-se na determinação interna de carregar a própria cruz "até o fim", e seguir passos análogos aos que Jesus, o Vivante, seguiu: "antes de entrar em sua glória": Em particular, é estar interiormente preparado a pagar o tributo de sacrifício das "egoidades"⁴, que a natureza de cada um exige. Observamos que isto pressupõe um modo de ser que é chamado pelo Cristo em seu evangelho de "Rocha" (ROHDEN, 1935, Luc 6, 46-49), e um modo de agir norteado por uma impecável integridade ética (cf. seção 4): Na verdade, este é um estado de consciência "crística" que pode ser atraído pela antena hominal receptiva; via a corrente de *altíssima* frequência emitida pelo Cristo Redentor em seu sacrifício cósmico, e que foi legada generosamente à humanidade insipiente. Nesta Rocha, reverberam uníssonas a alegria e a paz crísticas, que são invariantes intrínsecos e que se situam numa dimensão ultra intelectual, onde vigora a "nova constituição" que o Cristo nos outorgou: "Amai-vos uns aos outros, *assim como eu vos tenho amado* – para que minha alegria esteja em vós" (ROHDEN, 1935, Jo 13, 33-35).

Sublinhamos o seguinte: o que está escrito acima, não foi afirmado por nenhum sábio, profeta ou filósofo, antes ou depois de Cristo (A novidade está na parte grifada).

Os primeiros cristãos descobriram a "Rocha de Cristo" pela fé e pelo amor, na qual edificaram os alicerces da Coragem e da Alegria interior que se mostraram inabaláveis mesmo quando sujeitos à nefastas ameaças e torturas: A história prova que a serenidade, a elegância e a felicidade interna, demonstrada por frágeis virgens impúberes, no meio dos mais cruéis e atrozes padecimentos, impressionaram e surpreenderam o impassível Império Romano... Deste modo, podemos dizer que a coragem do Eu sou na mensagem cristã se revela como uma natural manifestação de fidelidade ao Ser, ou seja, no agir em coerência, em fidelidade ao "espírito de Cristo que em nós, move, reside e tem o seu ser" (Paulo de Tarso). Esta "fé viva" no Cristo exige uma posição de total veracidade. Em particular, implica em jamais mentir a si mesmo e fazer o que não se ama verdadeiramente. Observamos que a fidelidade – "fides" – é o pré-requisito para a chamada oração "em nome do Cristo", à qual o próprio Jesus atribuiu o poder de realizar prodígios (ROHDEN, 1935, Jo 14, 12-14; Jo 16-24): "Em verdade, em verdade vos digo: Quem tiver fidelidade – "fides" – a mim, fará as obras que eu faço e fará obras maiores que estas... Tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome eu o farei... Até agora nada pedistes ao Pai em meu nome". Claro que os discípulos, aos quais se referia Jesus nestas

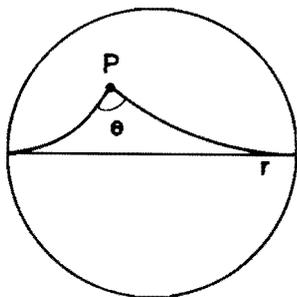
palavras, muitas preces ordinárias e ineficazes já tinham feito...

Em geral, o que chamamos de coragem do Eu sou ou *vairagya aplicado*, caracteriza os melhores dentre os homens: Neste século, temos o exemplo fulgurante do Mahatma Gandhi: sua ação corajosa de não-resistência e de não-aceitação com base no valor denominado por Gandhi de *satyagraha*; ou seja, firmeza incondicional na verdade; levou a Índia à independência política do jugo do Império Britânico. Afirmamos, como foi verificado no caso do Mahatma, que a coragem do *vairagya* não é determinada por objetivos extrínsecos, e que não é consequência de atos de bravura, os quais são manipuláveis por agentes externos. Na verdade, afirma a imanência do Logos em todos os homens, se manifestando no ideal de unidade e justiça social, tal como se manifestou na grande causa da "Grande Alma da Índia".

Para encerrar esta seção, fazemos em seguida um paralelo do que foi dito com a matemática probabilística – não determinista (aqui nos referimos novamente ao iniciado geométrico):

"No disco hiperbólico (SPIVAK, 1979), a probabilidade de um "indivíduo", situado em um ponto P, ao percorrer um movimento aleatório browniano (i.e, não determinado por fatores externos), atingir um ponto do círculo C do infinito (i.e, para além de qualquer "alvo finito") é exatamente igual a 1.

FIGURA 3



"Alguém" no ponto P, "vê" a geodésica radial r, sob um ângulo θ , inferior a π . (Veja Figura 3)

4 - A ÉTICA

Chamamos de ética, a toda afirmação dos valores essenciais e inerentes de nosso semelhante; equivalentemente, é todo ato de encorajar a auto-confiança, o auto-conhecimento e a auto-realização em nosso próximo sobre todas as circunstâncias materiais e efêmeras que à estes se aderem. Assim, a ética consiste na valorização do *vairagya* (cf. seção 3) em nossas relações interpessoais, i.e, na valorização dos princípios de integridade individual, de justiça social e fraternidade universal. A ética

aplica-se no ideal filantrópico de ação em prol do benefício de alguém ou de um bem-comum maior, mesmo em detrimento de vantagens pessoais, familiares, políticas ou nacionais, que sejam perniciosas à humanidade (homosistema) ou à natureza (eco-sistema) como um todo. Assim, a ética é deduzida na demonstração da falsidade do lema egóico⁵ de "levar vantagem em tudo" e é também deduzida na abominação do vício ególatra de "dar jeitinho em tudo", para obtenção de vantagens ou comodidades egocêntricas.

De fato, a ética se revela no esquecimento do próprio ego, em prol de nossos companheiros de jornada, ou seja, na ação similar a do "bom samaritano", quando alguém está impotente para enfrentar uma situação – e que precisa de nossa intervenção para superá-la. Isto acarreta na anulação interna do arcaico decreto de "querer ser servido" (ROHDEN, 1987).

Claro que o valor ético pode ser avaliado pela capacidade de "querer servir" (isto é *charitas*) e pela autêntica mansuetude, sobretudo quando nossos desejos não são realizados ou quando nos injuriam, caluniam e tentam nos fazer mal. Além disto, pode ser medido no laboratório das experiências cotidianas, pela superação da mania secular e coletiva de julgar as ações de nossos semelhantes (cf. O sermão da montanha (ROHDEN, 1935, Mat 5-8).

Concluindo esta curta seção, afirmamos que a virtude prioritária humana é a lealdade-gratidão, para com Deus, o Doador Cósmico, em primeiro lugar (isto é *ágape*), e para com todas as pessoas que, voluntariamente, nos estenderam mão amiga na vida ou que tiveram um belo gesto para conosco nos nossos caminhos (cf. O brado da sensibilidade de Jesus, quando na ocasião da cura dos dez leprosos, apenas um voltou para honrar e agradecer a Deus (ROHDEN, 1935), Jo 17, 11-19).

5 - A CONVERGÊNCIA CENTRAL

Chamamos de *convergência central*, a polarização do campo de forças mentais em direção das profundezas do Ser, em oposição às tendências centrífugas, dispersivas e periféricas da mente. A convergência central pode ser comparada ao que o sábio indiano MAHARSHI (BURGI-KRIAZI, 1975; MAHARSHI, 1984), chamou de *atmanistha*, ou seja: convergência da mente, inteiramente vígil e consciente, através de uma ininterrupta transmeditação (chamada *atmandhyana*), na Consciência única da Divindade (chamada *Sat-Chit-Ananda*). Conduz à intuição profunda do apelo sutil do Eu real pelo Pleroma-plenitude de suas potencialidades, chamada pelo sábio Sahaja Nirvikalpa Samadhi (MAHARSHI, 1984).

Além do mais, afirmamos que a convergência central é equivalente ao "primeiro e maior mandamento cristico", ou seja, segundo nossa terminologia (herdada em parte da matemática, em parte de T. de Chardin),

5 - Terminologia criada por H. Rohden.

equivale a convergência de todos os esforços do ego, em direção ao *limite superior* Omega-Logos. Por conseguinte, a convergência central consiste na estratégia-ação-disciplina, que conduz ao estado de ser real e atemporal, enunciado na introdução e destacado na primeira seção.

Na verdade, o zênite da convergência central culmina no que Seraphim de Sarov (apud GORAINOFF, 1979) chamou de "aquisição do Espírito Santo", e que afirmou ser a meta primordial da vida humana. As seguintes passagens tiradas dos evangelhos, confirmam o pan-en-theos que vem permeando todas as nossas afirmações (e que, repetimos, não nega a Infinita Transcendência da Divindade): a) O Logos é a luz que ilumina a todo homem que vem a este mundo (ROHDEN, 1935, JoI, 9-10); b) "Vós sois deuses – o Pai está em mim, vós estais em mim e eu em vós; mas o Pai é maior do que eu" (Jo 10, 34-35; Jo 14, 30).

Claro que toda estratégia-disciplina exige uma tática-técnica competente. O Yoga estabelece uma técnica excelente para a realização-prática (praxis) da convergência central: Chamamos de disciplina-yoga a todo exercício físico-mental que leva à condição interna de "imperturbabilidade"; chamada de *ataraxia* pelos antigos estóicos gregos. O termo *ataraxia* foi aplicado por Zenon, Epicteto e outros expoentes da filosofia estóica, a fim de designar um certo estado de ser de *não perturbabilidade* que afirmavam ser independente das flutuações produzidas pelas influências do meio externo (AURELE, 1964; BRUN, 1957; EPICTÉTE, 1991). Na verdade, os estóicos diziam que a sabedoria que leva à felicidade e harmonia humana – metas da filosofia – consistia em não sujeitar o nosso equilíbrio interno às quaisquer condições externas, e não permitir que nosso íntimo *eu* seja vulnerável às contingências alheias a vontade auto-determinante do Eu-sou. No meio de circunstâncias ditas "positivas" (i.e., favoráveis, vantajosas ou gozosas) quando o ego está "por cima", a dinâmica da *ataraxia* se manifesta em se manter a serenidade, equilíbrio e humildade, sem exacerbar, sem envaidecer, sem "agitar" o ego. No meio de circunstâncias ditas "negativas" (i.e., desfavoráveis, desvantajosas ou dolorosas), quando o ego está "por baixo", a dinâmica da *ataraxia* é revelada em se manter a *endurance*, a coragem e o desprendimento, sem desanimar, sem conturbar, sem "paralisar" o ego. O seguinte pensamento de Epicteto extraído do texto Manual, ilustra bem o ponto de vista estóico sobre o predomínio da substância interna (BRUN, 1957): "Lembre-se sempre de se comportar como um convidado numa recepção. Quando o prato fazendo uma volta em torno dos outros convidados chegar até você, estenda naturalmente sua mão e sirva-se como convém. Caso ele passe ao lado, não insista. Se ele tardar, não corra atrás dele salivando sofregamente, mas espera que ele chega até você. Faça o mesmo por uma criança, por uma mulher, pelas obrigações sociais, pelo dinheiro, e, um dia, você será digno de beber na mesa dos deuses... Se alguma coisa de doloroso ou de agradável, de glorioso ou de desonroso acontece, lembre-se que o dia da luta chegou, que os jogos olímpicos estão aber-

tos, que não é tempo de dividir e que de um momento e de uma só ação de coragem ou de covardia, dependem seu sucesso ou seu fracasso". De fato, o lema fundamental que Epicteto insistia em afirmar em seus discursos, pode ser sintetizado da seguinte maneira:

"Dependa apenas daquilo que depende de você – não dependa daquilo que não depende de você".

Por conseguinte, o discurso da filosofia estóica está centralizado num certo valor que afirma o axioma da *invulnerabilidade essencial do Eu sou* sobre as variações existenciais. A chave que leva a realização deste estado é a *ataraxia* que identificamos em certo nível com o que chamamos de convergência central na forma de *vairagya* tal como foi vivenciada no início deste século pelo sábio Ramana Maharshi. Segundo o Bhagavad-Gita (apud AUROBINDO, 1984), a *ascese yoga*, leva ao chamado *nishkamakarman*; ou seja à liberação da mania (e dependência) dos resultados da ação; que, obviamente, equivale ao estado de *ataraxia* dos discípulos de Zenon. Claro que sem concentração mental, não há nenhuma forma de *yoga* (ou de *ataraxia*). Na estratégia-yoga, o centro de gravidade interno está centralizado no *vairagya*, i.e., "fora dos eixos móveis deste mundo"; o que permite se movimentar, sem ser "movido" pelos "turbilhões" físicos-mentais do aglomerado *hylos-noosfera*. Na tática-técnica *yogue*, o corpo e a mente são exercitados ao máximo, de forma contínua, equilibrada e integral sem nenhuma dispersão de energia. Em particular implica: a) no "exercício do movimento, em vez do ato de mexer"; b) no agir sereno e eficazmente, em vez de se agitar e de se afoobar; c) em sorver um alimento, em vez de o engulir (AUROBINDO, 1984).

Em última análise, a convergência central implica numa capacidade de nosso Eu central de se manter *imune* das contaminações oriundas dos vários sistemas que fazemos parte integrante, tanto em nível do consciente quanto em nível do inconsciente, incluindo o núcleo social-nacional que operamos, o núcleo atávico no qual nascemos e o núcleo psíquico que formamos. Esta imunização se estabiliza na medida que fazemos convergir as sinergias de nosso mais profundo ser naquilo que *importa*, considerando o que importa aquilo que realmente temos – e que não pode ser tirado de nós. Frequentemente, o equilíbrio e unidade de nosso ego está ameaçado pelas ondas de desagregação e horror, que eclodindo de alguma região sombria de nosso inconsciente (chamada de *cone escuro*, na filosofia hermética), são detonadas pela implosão e morte de algum aglomerado de clichês emocionais, formado pelos nossos complexos, fobias e desejos reprimidos. Assim sendo, é imperativo que intensifiquemos ao máximo a firmeza e clareza interna que está em nós, iluminando as mais recônditas regiões de nossa psiquê, com base naquilo que chamamos de coragem do Eu sou. Esta auto-determinação, i.e., esta soberania do Eu sou sobre as turbulências do Caos e da Sombra, é a capacidade que possui todo homem que vem a este mundo de viver plenamente sua liberdade de ser e de

realizar. A auto-determinação é o atributo hominal por excelência, permanecendo em estado de potência na maior parte das criaturas humanas como uma força interna. Esta, quando liberada, i.e., quando o indivíduo exerce o poder da vontade, liberando *Rajas, a força que executa*, simbolizada pelo Arcano XI do Tarot (SADHU, 1971), é capaz de realizar prodígios inimagináveis. A determinação hominal é positiva, solar e construtiva.

Oriunda do Self atua como Animus masculino, equacionando, corrigindo e superando as negatividades, os desvarios e as fixações emocionais extravasadas pela Anima feminina reprimida e desvairada (i.e., pela sensibilidade traumatizada). Este conceito de determinação como *vontade* consciente, ativa e polarizada verticalmente, está contida na idéia do Arcano V do Tarot que afirma o *predomínio do pentagrama hominal evolutivo* (apontado para cima) *sobre os vórtices do astrosoma* (SADHU, 1971), e está dada pela seguinte equação hermética:

$$5 = 3 + 2$$

(o número 3 simboliza o ternário metafísico-espiritual e o número 2 simboliza o binário físico-astral).

Resumindo: A convergência central é a negação do esfacelamento do indivíduo ("frustração existencial"), afirmando o *Eu unificado* ("realização existencial") independentemente das ondas de perturbações que possa dilacerar o ego, suscitadas por agentes centrífugos externos.

Finalmente, concluímos estas notas, com um profundo trecho de ECKHART (1988), que chegou às nossas mãos numa bela tradução francesa (sermão alemão 14):

"L'homme humble et Dieu ne font qu'un. L'homme humble a pouvoir sur Dieu exactement comme Dieu a pouvoir sur lui-même... Ce que Dieu fait, l'homme humble le fait, et ce que Dieu est, lui aussi l'est: une même vie et un seul être".

EARP, R.S. Metaphysical invariants: considerations about the self. *Semina: Ci. Soc./Hum.*, Londrina, v. 13, n. 3, p. 186-194, Sept. 1992.

ABSTRACT: In this study we develop certain metaphysical invariants moving around the main question of the Self. We derive common aspects on the boundary of Philosophy, Psychology and Mathematics.

KEY-WORDS: Logos; Gnose; Topology, Perception; Truth.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AURELE, Marc. *Pensées pour moi même*. Paris: GF Flammarion, 1964. Tradução em Francês.
- AUROBINDO, Shri. *La Bhagavad-Gita*. 4. ed. Paris: Libr. D'Amérique, 1984. Tradução em francês.
- BRUN, Jean. *Les stoiciens - textes choisis*. Paris: Univ. de France, 1957. Tradução em Francês de textos da filosofia estoica.
- BURGI-KRIAZI, Maria. *Ramana Maharshi et l'expérience de l'être*. Paris: Libr. D'Amérique, 1975.
- DE CHARDIN, Pierre Teilhard. *Le Phénomène humain*. Paris: Seuil, 1955.
- DURCKHEIM, Karlfried. *Pratique de la voie intérieure*. Paris: Le courrier du Livre, 1988.
- ECKHART, Meister. *Sur l'humilité*. Paris: Artuyen, 1988.
- EPICTÉTÉ. *Ce qui dépend de nous: manuel et entretiens*. Paris: Ariés, 1991. Traduzido do grego por Myrto Gondikas.
- GOTTMANN, Rachel Alphonse. *Graf Durckheim, images et aphorismes*. Paris: Dervy-Livres, 1988.
- GORAINOFF, Irina. *Séraphim de Sarov: entretien arc Motorlob*. Abbaye de Bellefontaine: Desclée De Brouwer, 1979. Coll. Theophanie.
- HUBER, Alfred. On subharmonic functions and differential Geometry in the large. *Comment Math. Helv.*, v. 41, p. 13-72, 1966/67.
- JUNG, Carl Gustav. *Aion-etudes sur la phénoménologie du soi*. Paris: Albin Michel, 1983.
- LANLANDE, André. *Vocabulaire Technique et Critique de la Philosophie*. Paris: Quadrige PUF, 1991, 2 v.
- LE LOUP, Jean-Yves. *L'évangile de Thomas*. Paris: Albin Michel, 1986. Coll. Spiritualités Vivantes.
- MAHARSHI, Ramana. *Qui suis-je? (Koham)*. Paris: Editions Traditionnelles, 1984.
- MUSASHI, Miyamoto. *Traité des cinq roves*. Paris: Albin Michel, 1983. Coll. Spiritualités Vivantes.
- ORTHOLI, Sven; PHARABOD, Jean-Pierre. *Le Cantique des cantiques*. Paris: Editions La Découverte, 1985. Sciences et Société.
- ROHDEN, Huberto. *Novo Testamento*. São Paulo: União Cultural, 1935.
- ROHDEN, Huberto. *Tao Te King*. São Paulo (s.n.), 1987.
- SADHU, Mouni. *El Tarot*. Buenos Aires: Editorial Kler, 1971. Curso contemporâneo da quintessência do ocultismo hermético.
- SÁ EARP, Ricardo. Aspectos comuns da matemática, da metafísica e das artes. *Paraná revista Unimar*, v. 14, n. 1, p. 75-83, 1992.
- SPIVAK, Michael. *Differential Geometry*. Berkeley: Publish or Perish, 1979. 5 v.

Recebido para publicação em 21/11/91